

FICÇÕES DO INSÓLITO: A LITERATURA DE MÁRIO DE CARVALHO

Luciana Morais da SILVA

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

luciana.silva.235@gmail.com; lulu_msilva@yahoo.com.br

Resumo: O estudo das literaturas do insólito tem alcançado importante espaço de desenvolvimento na contemporaneidade, versando sobre textos que tratam das dimensões do real, exacerbando-as com a exaltação de uma hiper-realidade conflituosa e conflitante, em que ações e espaços e tempos contribuem para a instalação e manutenção do insólito. As narrativas do escritor português Mário de Carvalho são um exemplo de literatura que leva à reflexão acerca do instante evanescente da narração insólita. Com base na irrupção do insólito ficcional, percebe-se a composição textual movediça sendo desencadeada pelas “histórias” acerca da água, que invade e inunda o mundo das personagens. O escritor, em “Casos do Beco das Sardinheiras” (2008, p.9-86), apresenta dentre outras duas narrativas que têm como eixo central o aparecimento inaudito da água, são elas: “A torneira” (2008, p.43-48) e “Chuva ao domicílio” (2008, p.61-64). Frente às manifestações insólitas derivadas dos caminhos incomuns do elemento água, as personagens buscam, esperam e transformam-se, notando que a água modifica seu “Beco” – cenário de configuração espaciotemporal –, seus caminhos, mas, por fim, caem no conformismo da abundância (in)explicada da água, recorrente nessa coletânea de contos do autor.

Palavras-chave: Insólito Ficcional; Personagem; Estudos da Narrativa; Contemporâneo; Água

A questão é estar-se atento, abrir-se bem os olhos... (CARVALHO, 2008, p.21)

O escritor português Mário de Carvalho, nascido em Lisboa em 1944, cujo despontar nas Letras portuguesas se dá na década de 1980, convida no “Prólogo” de seu “Casos do Beco das Sardinheiras” a que se adentrem os caminhos e estâncias de um Beco qualquer, ali bem pertinho, entre Alfama e/ou Mouraria. Não se sabe bem onde fica, apenas se relata que ele lá está, como um qualquer Beco lá localizado. Nas palavras do narrador:

O Beco das Sardinheiras é um beco como outro qualquer, encafuado na parte velha de Lisboa. Uns dizem que é de Alfama, outros que é já de Mouraria e sustentam as suas opiniões com sólidos argumentos topográficos, abonados pela doutrina de olisiponenses egrégios. (CARVALHO, 2008, p.19)

Entre Alfama e Mouraria, o Beco que se consegue visualizar é parte de uma “obra de ficção [que] nos encerra nas fronteiras de seu mundo e, de uma forma ou de outra, nos faz levá-la a sério” (ECO, 1994, p.84). O Beco das Sardinheiras é convidativo, como um novo lugar a ser descoberto e desvendado na topografia citadina de Portugal. Entretanto, diferente das expectativas acerca daquele lugar comum, gradativamente, vai se descobrindo as referências de um Beco incomum, insólito. As personagens, tal qual o narrador, formulam-se e reformulam suas histórias ao construir para si um Beco, sua moradia, lugar de respeito e

convivência, mas também o cenário de uma alavanca que abre uma “torneira” no/do céu e de uma matreira nuvem capaz de se estacionar em qualquer “domicílio”.

A moradia de alguém, os saberes de alguns, enfim, um beco como outro qualquer, lugar de experiência e existência, que, porém, confronta pelo parecer, já que não existe empiricamente. Retoma-se, então, o questionamento de Eco ao referir-se a Ann Radcliffe: “O que acontece quando o autor postula num texto de ficção, como um elemento do **mundo real (que é o pano de fundo do mundo ficcional)**, alguma coisa que não existe no mundo real?” (1994, p.106 – negritos nossos). Talvez, como Eco completa, não ocorra revelação nenhuma, apenas uma surpresa originada pelo estranhamento, mas como se pode verificar em Carvalho há uma retomada das concepções de lugar, principalmente, quando o narrador coloca no seio da narração a possibilidade das personagens interagirem, tendo voz e vez. As personagens seriam mesmo capazes de interagir com o narrador? Não se sabe ao certo, fato é que para ele “isto de literatura tinha as suas exigências, os seus condicionamentos, que não se podia escrever tudo” (CARVALHO, 2008, p.23). No entanto, ele evidencia a capacidade de as personagens integrarem seu mundo e não só suas histórias.

O Beco e seus casos, do mesmo modo que as personagens em franco diálogo com um suposto autor dos casos, revela uma ficção que se faz pela ficcionalização do próprio processo de escrita, espaço em que Carvalho brinca com suas personagens, tornando-as e tornando-se parte de um universo fictício. O narrador dos casos do Beco, mais uma personagem, nega-se a assumir a escrita de outros e novos casos. A dúvida que circunda a narrativa gira em torno da ligação entre narrador e autor, assim, o narrador dos casos é também o criador de personagens. Ao fim e ao cabo, no “Epílogo” dos “Casos do Beco das Sardinheiras” não se sabe muito bem a distinção entre o autor, as personagens e o narrador. Como revela Carlos Reis “o **narrador** é uma entidade fictícia a quem cabe a tarefa de enunciar o discurso” (2001, p.354), ele “é, em última instância, uma invenção do autor” (2001, p.354), convocando traços da própria autoria para o campo da ficção.

O autor empírico seria, nesse sentido, “uma entidade transitória e histórica, capaz até de se distanciar ideológica e esteticamente do texto que escreveu” (REIS, 2001, p.355). Diversamente do narrador, com voz e vez no discurso, o autor, ainda que imprima seu recorte de mundo ao texto, não o compõem diretamente, pois produz o texto para leituras externas a si. As personagens, descritas minuciosamente pelo narrador de Carvalho, denotam um modo distinto do agir e do falar, como se observa no epílogo e no prólogo, com seres de ficção (BRAIT, 1985, p.10) que se convidam a participar de sua própria elaboração, tentando dar continuidade a suas próprias vidas e a seu Beco.

A construção apresentada no “Prólogo” e “Epílogo” do livro permite que se vislumbre a importância da categoria personagem para as histórias, garantindo relevo a ficcionalidade desses “seres puramente intencionais” (ROSENFELD, 2011, p.17), pois, de acordo com Rosenfeld, “é [...] a personagem que com mais nitidez torna patente a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza” (2011, p.21). O Beco das Sardinheiras, localizado em Lisboa, é familiar e realístico à medida que integrado por um conjunto de moradores interessados em reproduzir, revelar, os interstícios de seu pequeno mundo, quer ousando em suas evidências, quer testando os horizontes da subjetividade.

A cada novo conto o leitor é convidado a participar do jogo:

Ler ficção significa jogar um jogo através do qual damos sentido à infinidade de coisas que aconteceram, estão acontecendo ou vão acontecer no mundo real. Ao lermos uma narrativa fugimos da ansiedade que nos assalta quando tentamos dizer algo de verdadeiro a respeito do mundo. (ECO, 1994, p.93)

Carvalho guia a que se jogue o jogo narrativo, reconhecendo na história dessas personagens o contexto de outro beco qualquer. Para Rosenfeld,

o extraordinário é que podemos, de certo modo, participar destas interpretações por mais que na vida real não sejam contrárias, por mais que as combatamos na vida real. É evidente que há [...] limites. Ao que esta descrição visa é expor o fenômeno estético como tal na sua máxima pureza. (2011, p.48)

Trata-se do “imenso reino do possível” (ROSENFELD, 2011, p.48), espaço onde a obra literária em sua constituição intencional e esteticamente enriquecedora restitui uma liberdade “que a vida real não nos concede” (ROSENFELD, 2011, p.48). A conversa entre narrador e personagens, com o recurso mesmo a negativa do narrador fictício, revela que:

na ficção narrativa desaparece o enunciador real. Constitui-se um narrador fictício que passa a fazer parte do mundo narrado, identificando-se por vezes (ou sempre) com uma ou outra das personagens, ou tornando-se onisciente etc. [...] O narrador fictício não é sujeito real de orações, como o historiador ou o químico, desdobra-se imaginariamente e torna-se manipulador da função narrativa [...] não narra *de* pessoas, eventos ou estados; narra pessoas (personagens), eventos e estados. (ROSENFELD, 2011, p.26 – grifo do autor)

Tem-se que o narrador de Carvalho brinca com os casos, enunciando-os como parte do cotidiano dos moradores do Beco, ainda que justificando suas escolhas, já que diz “é que isto de literatura, meus amigos, tem os seus pergaminhos, a sua dignidade: A-dignidade-do-discurso-literário” (CARVALHO, 2008, p.84), ele demonstra o desejo de escrever coisas grandiosas e “não os pequenos casos do Beco das Sardinheiras e da sua arraia-miúda” (CARVALHO, 2008, p.84). A atitude do narrador em torno do próprio fazer ficcional denuncia-o como “um sujeito com **existência textual**, um ‘ser de papel’, como lhe chamou Roland Barthes (REIS, 2001, p.354 – grifo do autor). Sua vontade de escrever “*Gilgamesh*, a *Odisseia*, a *Moby Dick*” (CARVALHO, 2008, p.84) e a não concretização evidenciam um conflito interno à própria personagem, visto que, como relata “eu não tenho culpa de que vocês me tenham assaltado os sonhos...” (CARVALHO, 2008, p.84). As narrativas que almejava escrever não lhe surgiram, apenas irromperam em seus sonhos aquelas que, aparentemente, preferia não ter escrito, com medo de tornar-se um escritor menor. Com isso, nota-se que “o texto pode alcançar tamanha força de convicção que até estórias fantásticas se impõem como quase-reais” (ROSENFELD, 2011, p. 21).

Inclusive a descrição das “pessoas” (personagens) que habitam o Beco ocasiona uma proximidade com o real, como se as histórias narradas fossem fatuais, lugar de existência empírica, quase-reais. Assim, “o leitor, parceiro da empresa lúdica, entra no jogo e participa da ‘não-seriedade’ dos quase-juízos e do ‘fazer de conta’” (ROSENFELD, 2011, p.21). De acordo com as personagens de Carvalho, “a gente que habita o Beco é como a demais, nem boa nem má. Tem sobre os outros lisboetas um apego ainda maior ao seu Sítio e às suas coisas” (2008, p.19). Os moradores daquele pequeno espaço encafuado nos arredores de Lisboa almejam que suas histórias continuem sendo contadas, tendo um narrador que sugere ter quase seguido a sugestão:

Recomendaram-me que desenhasse um mapa neste livro para que o Beco pudesse ser encontrado sem custo. Lérias! Basta ir por Alfama abaixo ou por Mouraria acima, meter o nariz em todas as vielas e pracetas e o Beco surgirá, sem sombra de dúvida de que é aquele. (CARVALHO, 2008, p.21)

O narrador nega-se explicitamente a fazer o mapa, não porque sabe que se trata de uma ficção, ao contrário, devido à facilidade em se acessar o Beco. Eco, ao fazer inferências sobre a construção quase real de cenas e elementos inexistentes no mundo empírico, fatual, esclarece, com base em seus argumentos sobre a narrativa artificial, a estratégia contida no discurso do narrador:

A narrativa artificial é supostamente representada pela ficção, que apenas *finje* dizer a verdade sobre o universo real ou afirma dizer a verdade sobre um universo ficcional.

Em geral, reconhecemos a narrativa artificial graças ao “paratexto” – ou seja, as mensagens externas que rodeiam um texto. Um sinal paratextual típico da narrativa de ficção é a palavra “romance” na capa do livro. Às vezes, até o nome do autor pode funcionar dessa maneira [...] O sinal textual de ficcionalidade mais óbvio é uma fórmula introdutória como “Era uma vez”. (1994, p.126)

“Casos do Beco das Sardinheiras” compõem-se de um conjunto de histórias sobre o Beco, formulados ao acaso quer nos sonhos como afirma o narrador, quer pelo contar como desejam as personagens. Isso, em verdade, não se sabe muito bem, posto que haja uma interrelação recorrente em cada relato, com personagens e comentários reiterados. Logo, a estrutura dos contos remete, seja pelos argumentos iniciais, seja pelos comentários finais, ao contato com uma narração que ocorreu comprovadamente, sendo questionável por sua perspectiva literária lembrada pelo próprio narrador e, principalmente, pelo uso recorrente do termo “Uma ocasião”.

Como lembra Eco ao tratar do sinal textual “Era uma vez” e de sua ficcionalidade latente, depreende-se em “Uma ocasião” de Carvalho a mesma característica, pois as narrativas preenchem-se de vazios decorrentes dessa condição vaga presente tanto no “era uma vez” quanto em “uma ocasião”, afinal, ambos ocorrem a qualquer tempo e ocasião. “A torneira” (2008, p.43-48), do mesmo modo que “Chuva ao domicílio” (2008, p.61-64), tem em seu início essa indeterminação temporal seguida da localização espacial do ocorrido, sendo lógico, já que se trata de casos ocorridos no Beco das Sardinheiras.

Carvalho ao desenvolver essa organização em “Casos do Beco das Sardinheiras” permite que se “veja com os olhos bem abertos”, capazes de olhar para uma ocasião, ocorrida em um dia qualquer no Beco, que, em aparência, assemelha-se a “um” outro qualquer. Assim, a conexão de dados gera dúvidas em torno do próprio fazer narrativo, pois há a subjetividade daquele narrador ou as personagens seriam pessoas? As respostas não aparecem com tanta nitidez, mas as reiterações, questionamentos e reticências levam a que se duvide, já que nada ali parece definido ou delimitado. Cada conto presente nesses casos levam a uma indeterminação temporal, tendo apenas a confirmação do estar naquele espaço de entre-lugar, o Beco cercado de mistérios e eventos inesperados.

A indeterminação do tempo e da configuração narrativa marcam uma construção que se molda pela dúvida, já que torna confusa a relação entre personagens e narrador, principalmente ao constituir-se por limites confusos, passíveis de questionamentos e geradores de estranhamento. O escritor português brinca com a autoria, com a formação do ser autor, tornando confusas as relações autorais, assim, desde o princípio ele põe em xeque as margens limites do sólito e do insólito. “É, pois, a tendência natural para o maravilhoso que impele os homens para o fato incomum e, igualmente, os predispõem passivamente à influência de um contador de inverdades” (AIEIX, 1973, p.101). O insólito que advém e subsuma-se ao cotidiano revela muito das relações humanas, principalmente em narrativas que brincam com os limites entre ficção e não-ficção, pondo, evidentemente, em discussão a

possibilidade de personagens dialogarem com seus criadores fisicamente. As inferências de Aiex sobre oferecem um percurso pela experiência do insólito e o modo como o homem o testemunha através do tempo. Assim, percebem-se os traços da literatura do (in)sólito pelo viés de sua acepção mais abrangente, tomando-o, até mesmo, por seus sentidos coligados. Segundo Jozef, “o real e o imaginário implicam uma mesma coisa que é o verossímil, que transforma o absurdo em significação, dando sentido ao imaginário” (2006, p.185).

Notou-se até aqui os modos como as personagens de Mário de Carvalho constroem-se pelo simulacro e exacerbação dos processos envolvidos na elaboração da obra ficcional. Não se quer, com isso, afirmar a complexidade da construção das personagens, nem mesmo a ausência de questionamentos frente aos conflitos gerados pela narrativa, facilmente verificáveis pelas discussões dos seres de papel, as personagens. A narrativa de Carvalho guia seu leitor para duvidar dos processos envolvidos na própria constituição narrativa; porém, as personagens além de se colocarem como “verdadeiros” entes ficcionais também parecem habitantes daquele Beco encafuado nos arredores de Lisboa, portanto, moradores reais de Lisboa. Será que haveria existência empírica desses moradores do Beco? Talvez! Sem garantias de que, mesmo existindo, pudessem trocar informações com um suposto autor, que narra os casos. De acordo com Covizzi, “o autor não tenta mais convencer o leitor: torna-o cúmplice, aliado de suas perplexidades” (1978, p. 41).

Nessa concepção, o (in)sólito percebido como o que não soe acontecer, o inesperado que irrompe na vivência corriqueira cotidiana, manifesta-se na ausência da ordem e aparentemente dá uma falsa ordenação ao caos, gerando novo conflito diante dos caminhos a serem seguidos. As personagens de Carvalho questionam o modo como os casos são contados, permitindo que se ampliem as discussões a ponto de se pôr em debate a veracidade do relato, por conseguinte, o leitor é conduzido a completar os vazios, sendo o tal cúmplice de que fala Covizzi. Conforme Prada Oropeza, ao tratar da irrupção do insólito, no seio do fantástico:

no hay la “explicación” que restablecería el “orden” realista: éste debe permanecer dislocado y aquí radica su contribución a la concepción del mundo posmoderno: mostrar la fractura, sin mayor explicación, arrepentimiento o temor al escándalo; esto constituye el núcleo de la nueva articulación de sentido. (2006, p.58)

A manifestação do insólito em meio a um espaço vivenciável, e representado como existente, leva a que se duvide da narração diante de fatos tão inusitados. De acordo com Covizzi, o (in) sólito irrompe frente ao caos da realidade posta e o contrapõe pela ruptura do estabelecido. Ainda para ela:

O insólito contém uma carga de indefinição própria de seu significado. Entra-se em contato com objetos, pessoas, situações até então desconhecidos. Daí a perplexidade e excitação que provoca. E se, como dissemos acima, é tratado como habitual, nos seus limites de clareza, logicidade, naturalidade e determinação, numa abordagem inversa ao normalmente esperado, sua estranheza se multiplica. (1978, p.26)

Mário de Carvalho guia seu leitor por caminhos indefinidos, com limites extrapoláveis e extrapolados, em que a dúvida é/está presente no âmbito narrativo, desde a origem dos casos, até sua efetiva narração. Não se sabe muito bem se há aquele Beco em Lisboa, porém, ainda que exista, não é comum que o lugar esteja imerso em tantos eventos insólitos. É, por exemplo, frente ao espaço cotidiano e cidadão que em “A torneira” um grupo de meninos decide-se por entrar em um lugar interdito, aparentemente não existe nada de incomum, como

se pode ver a gateira “ficava ao fim do Beco, a um canto, dando uma nota de negrume com as suas portadas muito baixas e irisadas de podridões, das chuvas e dos sóis” (CARVALHO, 2008, p.43). Todavia, o espaço “era uma das mais indiscutíveis proibições dos adultos” (CARVALHO, 2008, p.43).

Apesar dos avisos anteriores e de seus pais, os meninos adentram a gateira – lugar onde circulam gatos habitualmente por ter um orifício redondo – e, por esse motivo, acabam encontrando a alavanca e gerando o mal-estar da água que cai do céu. Pedro e seus amigos curiosos, sem ter mais com o que brincar – “Por essa hora todas as brincadeiras estavam feitas e tinham perdido a graça, de maneira que a malta se sentia um bocado em crise” (CARVALHO, 2008, p.43) –, atravessam as barreiras do espaço proibido a meninos, pois designado a gatos e proibido por adultos “ninguém sabe porquê” (CARVALHO, 2008, p.43), nem mesmo eles. Por fim, os jovens, que moveram uma “alavanca” desconhecida, deparam-se com uma queda de água torrencial, proveniente dos céus, entretanto, diabolicamente localizada sob o Beco.

Sem saberem-se culpados ou não, observam a capacidade daquela água, como se uma torneira estivesse aberta, desafiando a lógica e as noções em torno do conhecimento mais corriqueiro sobre água e céus. No entanto, o incômodo da água ocorreu após os meninos entrarem na gateira, como revela o narrador:

Uma réstia de sol parece hesitar à soleira, mas depois enfiou-se, corredia, por ali dentro e abriu caminho aos miúdos.

Entraram cautelosamente num ambiente toado de manchas castanhas e cinzentas. Em velhas prateleiras, dispostas aos lados do compartimento, e muito cobertas de teias de aranha espessas e filigranadas, arrumava-se garrafas, recipientes de barro e de lata, antigos artefactos e petrechos de utilidade indiscernível, num maravilhoso caos de assimetrias. (CARVALHO, 2008, p.44-45)

O espaço nitidamente estranho, pouco a pouco, mostra-se pelos artefactos inusitados dispostos dentro de uma ordem própria. Os meninos entram em um lugar para gatos, mas permeado por um “maravilhoso caos de assimetrias”, que se não ocasionam surpresa, permitem que se caminhe pelas marcas de um texto insólito ou, aprofundando as discussões, fantástico. As teias de aranha, a escuridão e mesmo o caos instalado denunciam traços de uma construção amedrontadora, que, insolitamente, não gera medo nos meninos, ao contrário, exacerba a curiosidade, já que “era prodigioso e impunha respeito. Que de tesouros...” (CARVALHO, 2008, p.45).

Se não bastasse toda a aura inaudita da gateira, o lugar ainda define-se pela descoberta que gera. A diversidade presente no caos, mencionado pelo narrador, consegue guardar outros mistérios, pois como se pode observar:

o Pedro descobriu a um canto um maquinismo todo encoberto pelo pó. De um meio cilindro plantado no chão sobressaíam uma alavanca e uma roda redonda, de ferro.

Não tardou, estavam todos em volta da alavanca, a fazer força. Nem buliu.

– Deve tar encravada – observou o Pedro.

Ocuparam-se da roda, puxando-lhe pelos raios de aço trabalhado. A roda desandou, chiou, deu de si. (CARVALHO, 2008, p.45)

A ideia de mexer na alavanca não parece muito fortuita, mas os meninos juntam-se em prol da empreitada e, em seguida, “lá, no céu, se ouviu assim um estralejar de trovoadas miudinha. Esquadrinhados os ares, todos viram que pequenas faíscas, esguias e ramificadas, convergiam num ponto do astro onde também se agrupavam nuvens negras” (CARVALHO,

2008, p. 45). Alguns moradores do Beco acharam que era chuva, contudo, a água só caía no mesmo sítio e engrossou até cerca de um palmo, deslocando “algumas pedras da calçada” (CARVALHO, 2008, p.46). A percepção acerca do acontecido demonstra que, “de este modo, en el *seno mismo del universo racional* de las cosas surge lo ‘incoherente’ con ese reino, lo que llamamos lo *insólito*” (PRADA OROPEZA, 2006, p.58), corrompendo a aparente normalidade presente no Beco.

A água proveniente do céu, capaz mesmo de deslocar pedras na rua, fora gerada de que maneira? Esse questionamento não estava entre as principais preocupações, como observa o narrador, há apenas uma constatação da estranha queda da água: “E era verdade. Aquilo era uma coluna de água tombada directamente dos céus, como se o líquido viesse caindo por um ralo estreito aberto lá em cima” (CARVALHO, 2008, p.46). A coluna de água manifesta-se insolitamente, transformando a vida dos moradores, e semelhante aos textos pertencentes ao fantástico articula os dois planos de interpretação, relacionando o sólito e o insólito, nas palavras de Pampa O. Arán:

el fantástico se problematiza la ley y la pone en tela de juicio, manteniendo la imposibilidad de toda aserción. Además, lejos de separar los mundos, natural y sobrenatural, los articula, haciendo de la interpretación de la ley un asunto individual, al que no se le puede aplicar ninguna norma. [...] el enigma no puede despejarse nunca, o bien que las soluciones son múltiples. (1999, p.106)

A irrupção inesperada da água, confundida com chuva, traz ao primeiro plano a expressividade da água, que ao cair inexplicavelmente do céu em nada poderia beneficiar os moradores do Beco, necessitando, por conseguinte, ser controlada, limitada, porém o incômodo maior é encontrar culpados para a coluna de água, que “já tinha dado cabo do empedrado, escavando um buraco cada vez mais largo e mais fundo” (CARVALHO, 2008, p. 46). Assim, o miúdo, preocupado com o inconveniente daquele tronco de água barulhenta que já começava a incomodar (CARVALHO, 2008, p. 47), decide solucionar o problema, considerando-se o culpado, pois a coluna só aumentara de volume desde sua saída da gateira. Ainda espantado com os burburinhos e sobressaltado pela quantidade de água:

o miúdo não ficou muito tempo a hesitar. Rompeu a correr, furou pelo grupo fora, entrou de roldão pela porta da gateira, foi-se à roda e toca de fazê-lo girar no sentido inverso. Quando o pai o sacou dali com um forte puxão de orelhas, a roda estava na posição em que o Pedro a tinha encontrado antes. Então, cá fora, a coluna de água foi-se tornando mais delgada, mais delgada, ziguezagueou um tanto, borbulhou, seccionou-se em gotas longas e afiadas, deu lugar a uns pingos curtos e grossos, cada vez mais espaçados e desapareceu. Todo o céu retomou o azul limpo de antes. (CARVALHO, 2008, p. 47)

O pai briga com o menino, não se sabe muito bem porque, se pela coluna de água insólita, se pela desobediência em entrar na gateira. A única certeza comunicada na narrativa é em relação à responsabilidade dos meninos, pois logo que Pedro colocou a roda na posição correta à água cessou. O céu voltou a ficar limpo. Se não bastasse a manifestação insólita de uma coluna de água, o narrador testemunha uma preocupação que deveria ser de todos, pois “os gaiatos” (CARVALHO, 2008, p.48), caso tivessem mexido na alavanca perra, também na gateira, poderiam alterar a rotação da terra.

A manifestação do insólito se dá nitidamente pelo viés do fantástico, sem questionamento ou justificativa, as alavancas e rodas são, inexplicavelmente, parte do cenário inaudito do Beco das Sardinheiras. Não se passa de modo diverso em “Chuva ao domicílio”,

em que de modo insólito uma nuvem instala-se sobre as personagens. Será castigo? Será benção? Contudo, que benefícios pode haver em pequenos raios e água cercando alguém? A réplica não fica evidente, ainda que se tenham inúmeras justificativas para o aparecimento da nuvem. É evidenciada apenas a organização do universo das personagens frente ao fenômeno insólito, pois não se questiona a queda da água, ou mesmo o surgimento de uma nuvem, engendram-se perguntas a respeito do motivo do aparecimento, mas não sobre a nuvem realmente. As questões, erigidas após a narração, são frutos da motivação para o ocorrido, se castigo, se benefício.

O narrador não antecede o acontecido, relatando os motivos para a chuva, e nem mesmo desenvolve explicações sobre a causa do ocorrido, em suas palavras:

Uma noite, a Lecas Pasteleira, sirigaita de quinze anos, acordou com humidade na cara e gritou para a mãe que dormia no quarto ao lado:

– Ai, mãe, que estou toda molhada, venha cá, senhora!

Acenderam-se as luzes, no meio de grande sarrabulho, e os familiares de Lecas constataram que lhe chovia abundantemente na cara. Não que a chuva viesse de fora, por fendas arrelhadoras, que a rua estava quieta, serena e seca. Era antes uma nuvem, formada naquele ar do quarto, aí do tamanho duma almofada, que despejava sobre a cara da Lecas uma chuvinha violenta. (CARVALHO, 2008, p.62)

O insólito dialoga com o sólito harmoniosamente, a realidade da Lecas Pasteleira é modificada por uma inesperada humidade, que não permanece apenas com a moça, já que se espalha pelo Beco. A nuvem, que estranhamente surge sobre sua face, mais que um inconveniente, torna-se um tormento, pois nada se pode fazer ou mexer enquanto se tem algo a incomodar, a transtornar os sentidos. O insólito se manifesta e a personagem é narrada como contaminada por uma subcondição, posto que seja incapaz de livrar-se sozinha da água e, ainda, culpada, aparentemente, por aquilo estar acontecendo. As coisas se dão em meio ao Beco e as personagens, antes de ajudar, começam a conjecturar a respeito do ocorrido, preocupando-se um pouco mais quando a nuvem começa a dar choques em Lecas e seu pai decide resolver a situação.

A pasteleira, por sua vez, se vê presa aquela nuvem, sem saber como resolver o problema. Sobre isso o narrador diz: “que é que se há-de fazer, que é que não se há-de fazer, juntou-se mais gente ao magote e a Lecas a berrar que fizessem qualquer coisa que já estava farta de sofrer águas” (CARVALHO, 2008, p.63). Os caminhos para conseguirem elucidar a humidade de Lecas e os choques não aparentavam solução imediata, até que, “com a ajuda de uma manta bem esticada e não sem dificuldades” (CARVALHO, 2008, p.63), o pai de Lecas e os observadores “conseguiram escorraçá-la pela janela fora” (CARVALHO, 2008, p.63), é lógico que “não sem dificuldades porque a nuvem queria escapulir-se por todas as brechas” (CARVALHO, 2008, p.63). Lecas, conseqüentemente, livrou-se da nuvem inconveniente, porém o Alves Mandrilador, ao regressar do turno, viu “a nuvem se lhe plantar por cima e vá de largar águas” (CARVALHO, 2008, p.63).

A nuvem cheia de águas e humidades deixava, portanto, a casa de Lecas para plantar-se sobre o primeiro desavisado, como se pode perceber:

Da casa da Lecas, transferiu-se o sarrabulho para a escada do Alves que debitava em altos berros todas as pragas que conhecia, mandando a nuvem para esta e aquela parte.

[...]

Mas já a nuvem fantasiava à solta e cobria ora um ora outro dos circundantes, trovejando chispando faíscas, alagando cada um deles com águas mil e lançando o pânico naquelas hostes. A última vítima foi o Zé

Metade, que viu a carreta inundada com o destempero da nuvem que acabou por preferi-lo e não lhe saía de cima. (CARVALHO, 2008, p.63)

A água outrora fixa, tombando apenas sobre um ou outro, passou a vagar sem rumo, alagando os arredores dos moradores do Beco, deixando-os cercados por pequenos raios sobre suas cabeças, pois a nuvem cobria ora um ora outro, perturbando a paz daquele lugar. A nuvem que surgira insolitamente torna-se um problema do Beco, incomodando seus moradores. Eis que de repente Zeca de Carris decide-se por tomar uma atitude, ele, em seguida, providencia um balde de lixo e aprisiona a revoltada nuvem.

O problema agora era que não bastava prender a nuvem, mas o que fazer com ela, já que não se conseguiria segurá-la por muito tempo. Marta, mais uma moradora do Beco, sugere que ela seja enterrada, outra personagem, logo depois, decide que devem colocar um cano pelo balde. Com isso, os moradores descobrem que a nuvem aprisionada não só os livrou do aborrecimento, como também gerava água, que “tinha até melhor sabor do que a da Companhia” (CARVALHO, 2008, p.64).

Dessa vez a água gerada insolitamente pela aparição inaudita garantiu aos moradores do Beco uma fonte proveitosa de água, com autorização até do fiscal, que atestou a origem da água; ao contrário, em “A torneira” a água constitui-se como um problema, pois os meninos temem a represália, além de a corrente de água causar prejuízo aos moradores devido ao buraco causado por ela. Nas duas narrativas as águas manifestam-se e transformam a realidade do Beco. O insólito irrompe a partir de marcas, aparentemente, comuns, corriqueiras, e os moradores do Beco, as personagens, agem em prol de não ocasionar má fama ao seu Beco, organizando o caos, restituindo seu espaço de convivência de modo que consigam restaurar a ordem, ainda que a nova ordem também esteja sob suspeição, dividida que está entre o sólito e o insólito.

Com base nos pressupostos de Rosenfeld, a personagem ocuparia o eixo central da narrativa, tendo destaque, principalmente, pelo lugar humanizado que ocupa, pelas observações inusitadas que a compõe, formando um ente capaz de ressignificar a malha narrativa, ao questionar sua própria existência e a narração. Fato é que as personagens aproveitam ou resolvem “os problemas” do Beco no beco, transformando a nuvem inconveniente em fonte límpida de água ou a torneira em roda interdita e desligada, bastando fechá-la, como faz o menino. O tempo da narrativa é fugidio e poder-se-ia dizer abstrato, com idas e vindas, mas o lugar de onde se fala é sempre o mesmo, o Beco.

Assim, possibilitando que se desenvolvam novos sentidos e percepções a partir do contato com a água, sólita ou insolitamente, enfim, água do tempo, quer um tempo esperado e proveitoso, quer outro tempo inesperado e, por conseguinte, indeterminado. A importância da descoberta da água, seja em “A torneira”, seja em “Chuva ao domicílio”, e das circunstâncias que a geraram e todas as fontes e elementos constituintes da manifestação insólita são aproveitados pelas personagens, que não se limitam a perceber o fenômeno inesperado, mas, ao contrário, discutem-no a ponto de trocar acusações entre si, atribuindo culpabilidades e buscando elucidações, principalmente por considerarem que alguns acontecimentos prejudicam seu Beco das Sardinheiras.

Referências:

- AIEX, Anoar. “A Experiência e o Sobrenatural”. In: *Discurso*. v. 4, n. 4, 1973. [p.95-112]. Disponível em: <http://revistas.usp.br/discurso/issue/view/3133>. Acessado em: 23 ago. 2013.
- BESSIÈRE, Irène. “El relato fantástico: forma mixta de caso y adivinanza. In: ROAS, David.

(Introducción, compilación de textos y bibliografía). *Teorías de lo fantástico*. Madrid: Lecturas, 2001. p.83-104.

BRAIT, Beth. *A personagem*. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 1985.

CARVALHO, Mário. “Casos do Beco das Sardinheiras”. In: *Era uma vez um alferes e outras histórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

COVIZZI, Lenira Marques. *O insólito em Guimarães Rosa e Borges*. São Paulo: Ática, 1978.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

JOZEF, Bella. *A Máscara e o Enigma – A modernidade: da representação à transgressão*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 2006.

PRADA OROPEZA, Renato. “El discurso fantástico contemporáneo: tension semántica y efecto estético”. In: *Semiosis*, II, México, n.3, p.54-76, enero-junio 2006.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura – Introdução aos estudos literários*. 2.ed. Lisboa: Almedina, 2001.